

DE PORTUGAL A MACAU
FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

Ficha técnica

Título: De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2017

ISBN: 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

O RETRATO “LÚBRICO” FEMININO EM CAMILO PESSANHA E CESÁRIO VERDE

Maria João Carvalho

Instituto de Filosofia Luso-Brasileira

Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, 11, 1150-320 Lisboa

(351) 213241470 | iflbgeral@gmail.com

Resumo: Este retrato “lúbrico” da mulher de Cesário, poeta realista, e de Pessanha, ele simbolista, confluem ambos na dinamização de florescimento da estética modernista que, plural, chocante, provocadora, foi beber a dois homens, de si próximos, a irreverência das palavras, as imagens de uma cidade-mulher, que deixou, por sua vez, marcas na poesia de Mário de Sá- Carneiro e de Fernando Pessoa, dois dos maiores expoentes da literatura da Modernidade Portuguesa. Esta é assim uma tentativa de aproximação entre dois poetas que viveram distantes e que, antes da emancipação feminina, criaram esboços físicos sensuais e até lascivos da sua figura.

Palavras- chave: Cesário Verde; Camilo Pessanha; “Lúbrica”

Abstract: This “lubricious” portrait of Cesario's, a realist poet, and Pessanha, a symbolist one, come together in the flourishing dynamism of the modernist aesthetic which, in the plural, shocking and provocative, was to drink to two men, near themselves, the irreverence of words, the images of a “city-woman”, which left, in turn, marks in the poetry of Mário de Sá Carneiro and Fernando Pessoa, two of the greatest exponents of Portuguese Modernity literature. This is thus an attempt to approach two poets who lived distant and who, prior to feminine emancipation, created sensual and even lascivious physical sketches of their figure.

Key words: Cesário Verde; Camilo Pessanha; “Lúbrica”

Cesário nasceu primeiro (1855) e, vítima de tuberculose, morreu antes de Camilo Pessanha. Ambos irreverentes. Ambos de categorização literária, se não complexa, pelo menos não única.

Cruzaram-se, simultaneamente, no tempo-espço cerca de 30 anos, o que os aproximou, em termos de estética literária, como precursores do Modernismo português e da geração de *Orpheu*: Cesário pela sua forma inovadoramente impressionista de escrever e Pessanha pelos seus poemas simbolistas.

Ambos partilham também, embora só em parte, a coleção dos seus poemas feita em livro por outrem: Cesário, póstuma mas incompletamente (1901), pelo seu amigo Silva Pinto, a que deu o nome de *O Livro de Cesário Verde*, e Pessanha, por Ana de Castro Osório, intitulada *Clepsydra* (1920). Graças a outros, a obra destes dois poetas não ficou olvidada.

Ambos viajaram: Cesário por Londres e Paris, mas sempre e rapidamente regressando a Lisboa, e Pessanha, que viveu em Macau, foi regressando a Portugal entre 1894 e 1915, quando foi apresentado a Fernando Pessoa, este que não conheceu Cesário Verde, já que nasceu 2 anos depois da sua morte, em 1886. No entanto, ambos influenciaram Pessoa, tendo Cesário tido também impacto em Mário de Sá Carneiro.

Pessoa, num estudo crítico, escreveu, a propósito de Cesário e de Pessanha: “Houve em Portugal, no século dezanove, três poetas, e três somente, a quem legitimamente compete a designação de mestres. São eles, por ordem de idades, Antero de Quental, Cesário Verde e Camilo Pessanha. (...) A celebridade raras vezes acolhe os génios em vida, salvo se a vida é longa, e lhes chega no fim dela. Quase nunca acolhe aqueles génios especiais, em quem o dom da criação se junta ao da novidade. (...) Com Cesário Verde se fundou entre nós a poesia objectiva (...). Com Camilo Pessanha a poesia do vago e do impressivo tomou forma portuguesa¹.”

Desta forma, tal como escreveria após o suicídio do seu grande amigo Sá Carneiro, “Morreu jovem o que os Deuses amam”, Pessoa parece aliar a genialidade ao desconhecimento dos seus contemporâneos, ao reconhecimento apenas *post-mortem* da sua produção literária. Assim, o que verdadeiramente morre é a vida,

¹ Pessoa, Fernando, in *Cânticos do realismo e outros poemas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2010.

não a obra: “Não morrem jovens todos a que os Deuses amam, senão entendendo-se por morte o acabamento do que constitui a vida...²”.

Aquilo que superou a morte de José Joaquim Cesário Verde foram os seus poemas que ultrapassaram a estética ultrarromântica sendo, de entre os seus pares, como João de Deus ou Guerra Junqueiro, foi o que verdadeiramente se enquadrou no realismo, tendo em conta a sua veia de deambulador pela cidade de Lisboa (veja-se “O sentimento dum ocidental”, escrito para comemorar o tricentenário da morte de Camões, de onde emanam versos tão imortais tão: “Se eu não morresse, nunca!/ E eternamente buscase e conseguisse a perfeição das cousas!”). Ele foi também o perscrutador da essência campesina, tão natural, mas ao mesmo vital e erótica:

Que de fruta! E que fresca e temporã,
 Nas duas boas quintas bem muradas,
 Em que o sol, nos talhões e nas latadas,
 (...)
 Bate de chapa, logo de manhã! (...)
 E cá o santo sol, sobre isto tudo,
 Faz conceber as verdes ribanceiras;
 Lança as rosáceas belas e fruteiras
 Nas searas de trigo palhagudo! (In “Nós”).

Camilo de Almeida Pessanha, poeta simbolista, é também reconhecido como um antecipador do modernismo português, pela presença, e de acordo com Eduardo Lourenço, da «desintegração do sujeito da Poesia», como se prenunciasse o desdobramento heteronímico de Pessoa, do real ao sonhado, do discurso metafórico:

Imagens que passais pela retina
 Dos meus olhos, porque não vos fixais?
 Que passais como a água cristalina
 Por uma fonte para nunca mais!...
 Ou para o lago escuro onde termina
 Vosso curso, silente de juncais,
 E o vago medo angustioso domina,
 -Porque ides sem mim, não me levais?
 Sem vós o que são os meus olhos abertos?

² Pessoa, Fernando, *Textos de Crítica e de Intervenção*, Lisboa: Ática, 1980.

_ O espelho inútil, meus olhos pagãos!

Aridez de sucessivos desertos...(…) (in “Imagens que passais pela retina”)

Ou pela sua escrita fragmentária e quase oblíqua, como mais tarde aparecerá em Pessoa, no seu poema interseccionista “Chuva oblíqua”, e que aqui se entrevê na passagem do arco do violoncelo a uma ponte para o pesadelo e deste para o rio, que lembra lágrimas soluçadas:

Chorai arcadas

Do violoncelo!

Convulsionadas,

Pontes aladas

De pesadelo...

De que esvoaçam,

Brancos, os arcos...

Por baixo passam,

Se despedaçam,

No rio, os barcos.

Fundas, soluçam

Caudais de choro...

Que ruínas, (ouçam)!

Se se debruçam,

Que sorvedouro!...(…) (In “Violoncelo”)

O que é certo é que o simbolismo se prolonga até à proclamação da República em 1910, quando Portugal vivia a depressão causada pela crise da monarquia e, conseqüentemente, da economia e financeira, e é como que substituído pela geração de *Orpheu* em 1915.

A poesia de Baudelaire, precursor deste movimento, influenciou Pessanha, tendo este ido buscar ao poema “Relógio” (em *Les fleurs du mal*) o termo “clepsydra”(título do seu único livro de poemas). O relógio é uma força avassaladora que obriga à recordação da passagem inexorável do tempo, da inevitabilidade da morte que é anunciada pelo fim da água que permite à clepsidra contar o tempo e voltar ao zero:

Relógio! Deus sinistro, hediondo, indiferente,

Que nos aponta o dedo em riste e diz: “Recorda!

(…)

Três mil seiscentas vezes por hora, o Segundo
 Te murmura: Recorda! – E logo, sem demora,
 Com voz de inseto, a Agora diz: Eu sou o Outrora,
 E te suguei a vida com meu bulbo imundo!

(...)

Recorda: O Tempo é sempre um jogador atento
 Que ganha, sem furtar, cada jogada! É a lei.
 O dia vai, a noite vem; recordar-te-ei!
 Esgota-se a clepsidra; o abismo está sedento.

(...)

Esse “Outrora”, de Baudelaire, terá também os seus ecos em Pessoa e na sua recordação melancólica, angustiada, mas feliz, da infância não mais possível:

Pobre velha música!
 Não sei porque agrado,
 Enche-se de lágrimas
 Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.
 Não sei se te ouvi
 Nessa minha infância
 Que me lembra em ti.
 Com que ânsia tão raiva
 Quero aquele outrora!
 E eu era feliz? Não sei:
 Fui-o outrora agora.³

Não é, contudo, desse “outrora” poético que nos vamos ocupar; é antes do olhar realista e simbolista de dois poetas sobre a figura feminina, “Lúbrica”, em ambos; uma mulher perigosa, lasciva, sensual.

Foi também por causa de poemas de cariz erótico, sexual que Cesário viu parte da sua poesia ser recusada pelos jornais ou ridicularizada pelos intelectuais que lhe chamavam, depreciativamente, “verde”. A propósito dessa ridicularização, em carta dirigida a Silva Pinto, Cesário refere que Henrique das Neves, um portuense que seguiu a carreira militar, tendo sido também jornalista e escritor, em conversa

³ Pessoa, Fernando, *Poesias*, (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942.

com ele na rua lhe disse que: “E referindo-se à sua “Esplêndida” censurou [Guilherme de Azevedo, poeta e jornalista) que um homem, para captar as simpatias de uma mulher, desça ao lugar dos lacaios. Disse que um poeta amante e moderno devia ser trabalhador, forte e digno e não se devia rebaixar assim.⁴”. No entanto, e parecendo ignorar esses comentários depreciativos, ao mesmo Silva Pinto diz: “(...) eu ignoro tudo o que me tem envolvido e tenho também a inexperiência e a ignorância das crianças.⁵”

Mais uma vez, a propósito da morte de Sá Carneiro, Pessoa escreve sobre Cesário: “Mas para Sá-Carneiro, génio não só da arte mas da inovação nela, juntou-se, à indiferença que circunda os génios, o escárnio que persegue os inovadores, profetas, como Cassandra, de verdades que todos têm por mentira.⁶” Assim, parece a verdade da poesia não se coadunar com o vate que a profere em vida, mas com a análise das palavras, proféticas, após a morte.

A “Lúbrica” de Cesário foi publicada no “Diário da Tarde”, em 1873, mas excluída da seleção feita por Silva Pinto. Neste poema, dedicado a Marta, o poeta fala-lhe, num misto de ódio e adoração, a ela, mulher superior e que o humilha.

No “ardente bilhete” que Marta lhe escreve, as palavras são lascivas, são despudoradas, “qual cena de rapazes!”. No entanto, mais do que a depravação do que ela lhe escreve (metaforizado em “bibliotecas”), são os seus olhos que, “fogosos, nefandos, sensuais e imorais”, do seu rosto que “oval”, enfim, da sua figura “libidinosa”, lhe mostram as “lúbricas paixões” quais “vívidas centelhas”, e o dissecam, o humilham e o fazem prostrar a seus pés.

Igual humilhação se percebe em “Lúbrica”, poema juvenil (1885) de Camilo Pessanha, que teve um percurso amoroso, não só mais documentado do que o de Cesário, como mais acidentado e boémio, o que o fisicamente debilitou. Neste poema, denotamos uma linguagem, não só subjetiva, como também o gosto pela palavra rara, aberta a várias interpretações, expressando o vago, o sugestivo e o misterioso, afastando-se do real objetivo, mais característico de Cesário, e juntando-se mais à estética simbolista de que é representante, a par de Eugénio de Castro.

⁴ Serrão, Joel [org.], *Cesário Verde, obra completa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1992.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Pessoa, Fernando, *Textos de Crítica e de Intervenção*, Lisboa: Ática, 1980.

Esta mulher, observada “de tarde, na alameda, /Arrastando com ar de antiga fada, (...) /A saia transparente de alva seda,” conduz o poeta a um desejo, qual Cesário vê nos olhos de Marta, e que o fazem sentir o “pecado” da “gula”:

E medito no gozo que promete
 A sua boca fresca, pequenina,
 E o seio mergulhado em renda fina,
 Sob a curva ligeira do corpete;
 Pela mente me passa em nuvem densa
 Um tropel infinito de desejos:
 Quero, às vezes, sorvê-la, em grandes beijos,
 Da luxúria febril na chama intensa...
 Desejo, num transporte de gigante,
 Estreitá-la de rijo entre meus braços,
 Até quase esmagar nesses abraços
 A sua carne branca e palpitante;

No meio deste desejo erótico bem mais vincado do que em Cesário, vemos o recurso a vocábulos que fazem lembrar Sá Carneiro:

em espiral auriluzente,
 Os músculos hercúleos da serpente,

Também aqui visualizamos o entrecruzamento de planos, como em “Chuva Oblíqua”, de Pessoa, quando o azul do seu olhar lembra um mar incerto e o seu vestido esfumante o transporta para paisagens orientais e para o fumo de cachimbos chineses, concedendo todo o espaço ao sonho, ao tal vago, que se dissipará qual nuvem quando tentar que a realidade nele toque:

Entrever, sobre fundo esvaecido,
 Dos fantasmas da febre o incerto mar,
 Mas sempre sob o azul do seu olhar,
 Aspirando o frescor do seu vestido,
 Como os ébrios chineses, delirantes,
 Respiram, a dormir, o fumo quieto,
 Que o seu longo cachimbo predileto
 No ambiente espalhava pouco antes...
 Se me lembra, porém, que essa doçura,
 Efeito da inocência em que anda envolta,
 Me foge, como um sonho, ou nuvem solta,

Ao ferir-lhe um só beijo a face pura;
 Que há de dissipar-se no momento
 Em que eu tentar correr para abraçá-la,
 Miragem inconstante, que resvala
 No horizonte do louco pensamento;
 Quero admirá-la, então, tranquilamente,
 Em feliz apatia, de olhos fitos,
 Como admiro o matiz dos passaritos,
 Temendo que o ruído os afugente;
 Para assim conservar-lhe a graça imensa,
 (...)

Esta “Lúbrica” mulher de Cesário, poeta realista, e de Pessanha, ele simbolista, confluem ambos na dinamização de florescimento da estética modernista que, plural, chocante, provocadora, foi beber a dois homens, de si próximos, a irreverência das palavras, as imagens de uma cidade-mulher que deixou marcas em Sá Carneiro:

(...)
 Eu nunca vi... Mas recordo
 A sua bôca doirada
 E o seu corpo esmaecido,
 Em um hálito perdido
 Que vem na tarde doirada. (In“Dispersão”)

e uma predileção pelo sonho que, depois de sonhado, se esvai e causa o “tédio, o desejo absurdo de sofrer” de Cesário em Pessoa:

Entre o sono e sonho,
 Entre mim e o que em mim
 É o quem eu me suponho
 Corre um rio sem fim.
 (...)

Chegou onde hoje habito
 A casa que hoje sou.
 Passa, se eu me medito;
 Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre

No que me liga a mim

Dorme onde o rio corre —

Esse rio sem fim. (“Entre o sono e o sonho”, in *Cancioneiro*).